

AUTISMO E A RELAÇÃO FAMILIAR: REFLAXÃO SOBRE ESSE ENTRELAÇE NO AMBIENTE ESCOLAR

Thaís Vieira Gois dos Santos¹

RESUMO

O artigo em tela, teve como objetivo investigar a relação entre a família e a escola no contexto do autismo. Para isso foi feita uma revisão literária nacional de periódicos científicos atuais sobre essa relação. Cabe ressaltar que, a família é a primeira instituição que pode ajudar uma criança com autismo, sendo o primeiro contato de confiança. A partir dessa relação com a família, o aluno pode desenvolver habilidades as quais auxiliam no desenvolvimento escolar. Sabe-se que educar uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um grande desafio, primeiramente no contexto de aceitação e entendimento desse transtorno. Nesse contexto, é importante destacar que o autismo é um transtorno complexo com múltiplos comportamentos os quais podem afetar a comunicação, as relações interpessoais com graus variados. Assim, cada criança é única e necessita da base familiar e do suporte educacional. Trata-se de uma proposta de abordagem qualitativa, bibliográfica. A análise de conteúdo revelou preocupações, dificuldades, conquistas e perspectivas futuras no âmbito da inclusão. Tais achados, são discutidos, com vistas a contribuir para uma reflexão sobre a importância da relação família-escola no contexto do TEA, bem como da integração com diferentes recursos propulsores do desenvolvimento, a fim de fundamentar um trabalho colaborativo e em prol da educação inclusiva.

Palavras-chave: Autismo; Família; Educação; TEA.

ABSTRACT

The article on screen aimed to investigate the relationship between family and school in the context of autism. For this, a national literary review of current scientific journals was carried out on this relationship. It should be noted that the family is the first institution that can help a child with autism, being the first trusted contact. From this relationship with the family, the student can develop skills that help in school development. It is known that educating a child with Autism Spectrum Disorder (ASD) is a great challenge, primarily in the context of acceptance and understanding of this disorder. In this context, it is important to highlight that autism is a complex disorder with multiple behaviors which can affect communication and interpersonal relationships to varying degrees. Thus, each child is unique and needs a family base and educational support. It is a proposal for a qualitative, bibliographic approach. The content analysis revealed concerns, difficulties, achievements and future

¹ Mestranda em Ciências da Educação pela Universidad Interamericana, especialista em Psicopedagogia pela UNIFACS, graduada em Licenciatura em Letras Português/Inglês pela Faculdade de Tecnologia e Ciências. Discente do curso de Pós-graduação em Psicopedagogia Digital e Educação a Distância Digital da Faculdade Visconde de Cairu. Professora da Educação Básica, pela Prefeitura Municipal de Salvador, BA. e técnica administrativa pela Secretaria Estadual de Educação/BA. E-mail: thaisgoes.davi@hotmail.com.

perspectives in the scope of inclusion. These findings are discussed, with a view to contributing to a reflection on the importance of the family-school relationship in the context of TEA, as well as the integration with different resources that drive development, in order to support collaborative work and in favor of inclusive education.

Keywords: Autism; Family; Education; TEA

1 Considerações iniciais

Lidar com o autismo é um grande desafio para a família, porque ainda em pleno século XXI existe o preconceito em torno desse transtorno. Assim, o primeiro passo é entender que o autismo não é uma doença ou uma sentença. Na verdade, muitas crianças têm o autismo e nem a família sabe. Por isso, a importância de pesquisas que falem sobre esse tema, visto que a sociedade desconhece sobre esse assunto e como lidar com a criança com autismo.

Dessa forma, analisando o contexto atual de alunos diagnosticados com TEA no Brasil, infere-se o quanto a relação família e escola são importantes para que esse diagnóstico possa ser feito de forma correta e o aluno possa desenvolver as suas habilidades cognitivas. Salienta-se que, o autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento o qual afeta a comunicação, interação, padrões de comportamentos repetitivos.

Não é fácil identificar ou até mesmo achar profissionais capacitados para ajudar a desenvolver as habilidades cognitivas. Por isso, a importância de abordar esse tema, sendo necessário expandir e conscientizar a população sobre esse transtorno. Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo realizar uma revisão literária nacional de periódicos científicos atuais sobre a relação entre a família do aluno com o autismo e o ambiente educacional.

Assim, a questão central de investigação neste estudo é, a saber: de que forma a inclusão de estudantes com TEA na escola vem sendo trabalhada? A partir desta questão central, objetivos específicos são definidos: analisar a importância da didática na relação com o autismo e descrever estratégias educacionais.

Por conseguinte, traduzir o autismo exige, aparentemente, mais do que atender às necessidades de uma pessoa, ou às expectativas sociais; exige o engajamento na co-criação de um mundo compartilhado possível, no qual as diferenças entre as pessoas –

não apenas do “espectro autista”, mas do amplo espectro humano – possam ser mais bem aproveitadas por elas mesmas. A vida escolar é um direito de toda criança, as expectativas de uma família ao matricular seu filho autista em uma escola de ensino regular são iguais às de uma família de uma criança sem dificuldades específicas e notórias, nem necessidades especiais aparentes.

2. Autismo não é doença

Falar sobre o autismo é enfrentar muitos preconceitos e discriminações criados por falta de um entedimento e conscientização. Autismo não é doença. Essa afirmativa para muitas pessoas é falsa, porque esse transtorno é muito complexo e não existe características definidas, visto que cada criança autista é diferente. Dessa maneira, o autismo, por sua vez, “é um transtorno global do desenvolvimento, que se manifesta na infância, o transtorno global acomete cerca de 70 milhões de pessoas no mundo”. (BARBOSA, 2012. p 14).

Segundo o Manual de Diagnóstico e Estatística de Doenças Mentais (DSM-IV), o TEA, faz parte do grupo de transtornos que apresentam déficits clinicamente significativos persistentes na comunicação e nas interações sociais, manifestadas de todas as maneiras seguintes: déficits expressivos na comunicação não verbal e verbal usadas para interação social; falta de reciprocidade social e dificuldade para desenvolver e manter relacionamento interpessoais. Nesse sentido, fica claro, que o autismo não é uma doença e nessa perspectiva não existe cura, porque o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), é uma condição relacionada ao desenvolvimento do cérebro, que afeta a forma como uma pessoa percebe o mundo e se socializa nele. Isto posto, a origem desse transtorno é alvo de muitas discussões, alguns indicativos científicos apontam que não há uma causa única, mas sim a interação de fatores genéticos e ambientais.

Salienta-se que o transtorno do Espectro Autista (TEA) é classificado também como um tipo de TGD- Transtornos Globais do Desenvolvimento. Pelas características que são apresentadas pelo indivíduo que é considerado um autista, através das relações sociais e a comunicação.

Os Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD) representam uma categoria na qual estão agrupados transtornos que têm em comum as funções do desenvolvimento afetadas. Entretanto, este conceito é recente e se pode ser proposto devido aos avanços metodológicos dos estudos e á superação dos primeiros modelos explicativos sobre o autismo. (BELISARIO E CUNHA,2010, p. 08).

Posto isto, é essencial abordar essas contribuições dos teóricos para deixar claro que a ciência estuda há. Lembrando que cada autista possui características diferentes Conforme Surian (2010) crianças autistas mostram uma capacidade muito grande e em especial, em lista de nomes, nos fatos. São capacidades que surgem principalmente em crianças com menos dificuldades na fala. Muitas dessas crianças manifestam a capacidade de memorizar uma grande quantidade de informações, se for relacionada a algo do seu interesse.

O quadro abaixo, explica de forma didática, os grupos possíveis de fatores etiológicos envolvidos no TEA.

Quadro 1. Grupos de alterações genéticas e ambientais associadas ao TEA

GRUPOS DE CAUSAS	%
Anormalidades cromossômicas	2
Microduplicações/Microdeleções	10
Doenças monogênicas	5
Ambiental	3
Multifatorial e epigenética	80

Em vista disso, e diante de tantas discussões não é correto aceitar que o autismo é uma doença. Mas sim, reafirmar que uma criança autista pode conviver normalmente como outras crianças e por não ser uma doença, não existe cura, mas tratamento que possa adequar ao convívio social e às atividades gerais. Na maioria das vezes, o diagnóstico assusta a família, pois a sociedade costuma ignorar a diversidade e a diferença, ainda que discuta com frequência o assunto. É importante dizer que, o autista vive numa extrema solidão, “onde o contato físico direto e os movimentos ou ruídos que ameaçam romper a solidão são tratados como se não estivessem ali, ou, não bastasse isso, são sentidos dolorosamente como uma interferência penosa” (BELISÁRIO e CUNHA, 2010, p. 09)

2.1 A primeira inclusão é da família

Todo ser humano tem uma base familiar, a qual pode ser regida por aspectos positivos ou negativos. Partindo desse pressuposto, o significado de família é muito singular para cada sujeito, cada um constrói sua identidade a partir das relações nessa tribo, sobretudo, com as experiências que se apropriam no convívio diário. Nesse contexto, o autista necessita dessa base familiar. Primeiro, porque é através dessa interação que a criança pode desenvolver suas habilidades ou se fechar para mundo.

Polonia e Dessen (2005; 2007) destacam questões sobre configurações, vínculos familiares e a importância da rede social de apoio para o desenvolvimento humano. Nestes estudos, as autoras apontam sobre a necessidade de compreender as inter-relações entre escola-família, visando uma integração mais efetiva entre esses sistemas, respeitando peculiaridades de cada segmento, e da implementação de pesquisas que levem em conta esses dois contextos.

Na relação familiar é sabido, que a maioria das crianças com TEA, aprende a se comunicar e se relacionar, de modo que, o laço de afetividade ajuda no processo de aquisição de conhecimento através da relação social. Dorothy Law e Rachel Harris (2003) no livro de suas autorias, “As crianças aprendem o que vivenciam”, afirmam, pois que, a experiência também é cercada por conflitos e diferenças, porém, são necessárias para tirar da zona de conforto sujeito com repertório de ações e desejos restritos.

Ainda, segundo as autoras, é dentro desse ambiente que inúmeras particularidades emergem. Quando se tem um sujeito com alterações no desenvolvimento em casa, essa diferença é explícita e exige dos familiares cuidados, quanto aos fatores que levam esses sujeitos a se comportarem pelos julgamentos de inadequações. Segundo Mônica Santos (2009), no tocante à relação entre família e escola, é preciso que ambas assumam um compromisso de reciprocidade, onde as responsabilidades sejam divididas igualmente:

No que cabe às relações entre família e escola, torna-se imperativo assumir um compromisso com a reciprocidade. De um lado, a família, com sua vivência e sabedoria prática a respeito de seus filhos. De outro, a escola com sua convivência e sabedoria não menos prática a respeito de seus alunos. É preciso entender que esses mesmos alunos são também os filhos, e que os filhos são (ou serão) os alunos. Dito de outra forma: cabe às duas instituições mais básicas das sociedades letradas o movimento de aproximação num plano mais horizontal, de distribuição mais igualitária de responsabilidades. (2009, p. 05)

Por conseguinte, traduzir o autismo exige, aparentemente, mais do que atender às necessidades de uma pessoa, ou às expectativas sociais; exige o engajamento na co-criação de um mundo compartilhado possível, no qual as diferenças entre as pessoas – não apenas do “espectro autista”, mas do amplo espectro humano – possam ser mais bem aproveitadas por elas mesmas. A vida escolar é um direito de toda criança. As expectativas de uma família ao matricular seu filho autista em uma escola de ensino

regular são iguais às de uma família de uma criança sem dificuldades específicas e notórias, nem necessidades especiais aparentes.

Logo, essa inclusão familiar deve ser humanística, democrática, amorosa, mas não piedosa, que percebe o sujeito em sua singularidade e que tem como objetivo o crescimento, a satisfação pessoal e a inserção social de todos. Por conseguinte, traduzir o autismo exige, aparentemente, mais do que atender às necessidades de uma pessoa, ou às expectativas sociais; exige o engajamento na co-criação de um mundo compartilhado. Um mundo possível, no qual as diferenças entre as pessoas – não apenas do “espectro autista”, mas do amplo espectro humano – possam ser mais aproveitadas por elas mesmas.

Cabe ressaltar novamente que, a vida escolar é um direito de toda criança. As expectativas de uma família ao matricular seu filho autista em uma escola de ensino regular são iguais às de uma família de uma criança sem dificuldades específicas e notórias, nem necessidades especiais aparentes.

3. O entrelaçe da família do estudante com tea e a escola

Como já mencionado anteriormente, a família é a base que fortalece a educação escolar, sem uma base familiar a educação escolar da criança se compromete, porque é através dos ensinamentos da família que a escola consegue desenvolver outros ensinamentos. Isso não quer dizer que exista uma dependência, mas sim uma relação de complementação. De acordo com Guzzo (2000), o sentido etimológico da palavra educar significa promover, assegurar o desenvolvimento de capacidades físicas, intelectuais e morais, sendo que, de forma geral, tal tarefa tem sido de responsabilidade dos pais.

De acordo com Bock, Furtado e Teixeira (1999), o grupo familiar tem uma função social determinada a partir das necessidades sociais, sendo que entre suas funções está, principalmente, o dever de garantir o provimento das crianças para que possam exercer futuramente atividades produtivas, bem como o dever de educá-las para que "tenham uma moral e valores compatíveis com a cultura em que vivem". (P. 238). Nesse mesmo sentido, Oliveira (2002) resume a função da família dizendo que "a educação moral, ou seja, a transmissão de costumes e valores de determinada época torna-se, nesta perspectiva, seu principal objetivo" (p.16).

É evidente que essa relação entre escola, família e o transtorno encontra-se diversos obstáculos: preconceito, falta de políticas públicas, de uma educação inclusiva e outros

fatores. Ou seja, não é só uma via de mão dupla mas de diversas vias que refletem na condução socializadora. Com base nessa construção, resulta a criança autista a qual necessita de um olhar mais sensível da família e da escola, ambas caminhanado lado a lado e não de forma individual. Por conseguinte, traduzir o autismo exige, aparentemente, mais do que atender às necessidades de uma pessoa, ou às expectativas sociais; exige o engajamento na cocriação de um mundo compartilhado possível, no qual as diferenças entre as pessoas – não apenas do “espectro autista”, mas do amplo espectro humano – possam ser mais bem aproveitadas por elas mesmas.

No Brasil, o governo criou políticas e diretrizes que proporcionaram as condições de acesso aos espaços e aos recursos pedagógicos necessários à inclusão². Além disso, viabilizam ferramentas que apoiam os profissionais na atuação e na compreensão da inclusão escolar, bem como no processo de organização da aprendizagem com vistas à valorização das diferenças, de forma a atender às necessidades educacionais dos alunos. (CABRAL e MARIN, 2017).

Nessa perspectiva, o papel do professor nesse processo assume se como fundamental importância, já que sua ação mediadora é imprescindível na promoção de culturas e práticas pedagógicas inclusivas no contexto escolar. Mesmo que não caiba somente à escola o papel de transformação das desigualdades econômicas e sociais, a educação tem um papel preponderante na denúncia dos fatores que acentuam a exclusão, procurando formar sujeitos críticos que, organizados socialmente, contribuam para a superação de relações assimétricas de poder.

Dessa maneira, salienta-se que a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar (PNEEPEI) de 2008³, já garantia direitos aos alunos com deficiências e com Transtorno do Desenvolvimento Global, porém um importante marco na década atual foi a lei criada pelo Governo Federal, a fim de eliminar barreiras, para participação plena dos estudantes com dificuldades e necessidades específicas, através de acesso à escola comum e uma educação especial com propostas pedagógicas integrativas, para tanto em 2015 foi aprovada a Lei Brasileira de Inclusão (LBI).

De acordo com Saviani (2005), a escola se relaciona com a ciência e não com o senso comum, e existe para proporcionar a aquisição de instrumentos que possibilitam o

² É possível observar através do site: <https://proceedings.science/cbee/cbee-2018/papers/politica-nacional-de-educacao-especial-2008-2018--a-inclusao-escolar-entre-o-texto-e-os-contextos>.

³ Idem.

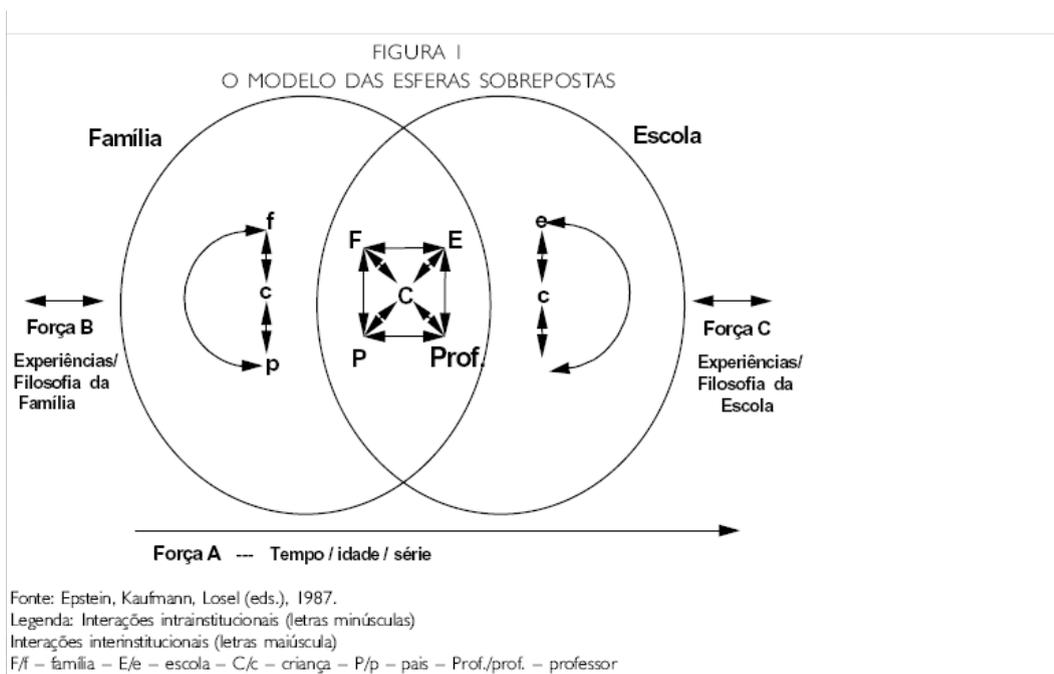
acesso ao saber elaborado (ciência) e aos rudimentos (bases) desse saber. A contribuição da escola para o desenvolvimento do sujeito é específica à aquisição do saber culturalmente organizado e às áreas distintas de conhecimento. No que diz respeito à família, "um dos seus papéis principais é a socialização da criança, isto é, sua inclusão no mundo cultural mediante o ensino da língua materna, dos símbolos e regras de convivência em grupo, englobando a educação geral e parte da formal, em colaboração com a escola" (Polonia & Dessen, 2005, p.304).

Nota-se que, para a inclusão do aluno portador do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) precisa acontecer por meio da socialização entre essas instituições, tendo como base a premissa da aceitação que a criança autista possui particularidades e não precisa ser tachada como uma criança diferente das outras, mas sim, uma criança que necessita de apoio, afetividade e políticas públicas. Outro modelo que visa compreender o envolvimento entre família e escola é o modelo das esferas sobrepostas que tratam dos diversos procedimentos adotados pelos pais para auxiliar essa relação.

Essa estratégia, consta de uma análise crítica da importância dessa relação para que a criança autista possa se desenvolver interagindo, sendo incluída, com base na capacitação da equipe pedagógica, com a capacidade da professora, com sua sensibilidade para perceber os alunos e conhecê-los, assim como em saber se a escola estava fazendo alguma coisa para melhorar o ensino e seus recursos. A figura I abaixo representa de forma esquematizada o modelo das esferas sobrepostas com base na tríplice relação família, escola e o autismo.

A base se encontra na força A (a criança e seu desenvolvimento escolar e social), já a força B é a experiência, contato da criança com a sociedade, com a existência, é a través desse contato que o educando desenvolve sua filosofia de vida. Na força C é o ambiente educacional, é a base escolar a qual complementa e reforça a experiência das duas outras esferas. Assim, ressalta-se que as esferas sobrepostas não são estática, logo existe movimento, dependendo das necessidades, demandas, experiências e evolução da criança.

Afirma-se que as duas esferas estão constantemente sob a força C, visto que existe tempo, nível de escolaridade e idade da criança, representando duas instituições muito complexas que envolve a família e o contexto escolar. As culturas das duas esferas ajudam a determinar o grau de sobreposição das esferas.



Didática e estratégias educacionais

Trazendo o contexto histórico, cabe dizer que, os primeiros indícios de um sistema de avaliação da aprendizagem remontam a época da colonização, quando os padres faziam a catequização dos índios, impondo a sua cultura de um modo subserviente. O ensino era meramente reprodutor sua postura tradicional com o foco no professor e levava o aluno a uma prática que o distanciava da convivência com a sociedade, no que se refere às práticas da vida cotidiana. Sobre essa questão Libâneo diz:

Os objetivos, explícitos ou implícitos, referem-se à formação de um aluno ideal desvinculado com a sua realidade concreta. O professor tende a encaixar o aluno num modelo idealizado de homem que nada tem a ver com a vida presente e futura. A matéria de ensino é tratada separadamente, isto é, desvinculada dos interesses dos alunos e dos problemas reais da sociedade e da vida. (LIBÂNEO, 1994, p. 64)

Dessa forma, muitas escolas e professores ainda se baseiam em metodologias arcaicas de ensinagem, mesmo existindo ao lado de sua sala de aula um laboratório de informática com computadores de última geração. Eles não se permitem a entender esse processo e muito menos ter contato com ele. Em decorrência disso, muitos educandos chegam às escolas com celulares de última geração e preferem usar o facebook, ou twitter durante as aulas do que prestar atenção aos conteúdos elencados pela escola como importantes para sua formação. Os educadores preferem entender o ato de educar apenas com quadro e giz e assim perpetuam um modelo já desgastado, com resultados

mínimos.

Nesse sentido, o processo de inclusão educacional dos alunos com autismo exige mudanças nas práticas pedagógicas, no currículo e no rompimento de atitudes discriminatórias que têm dificultado a permanência destes no ensino regular. Assim, a inclusão de alunos com TEA, também pode contribuir para uma melhoria dos aspectos que envolvem conviver com as diferenças, trazendo para primeiro plano o respeito à diversidade de diferentes formas de existir (MANTOAN, 2018).

O lúdico pode ser utilizado em todas as disciplinas, desde que sejam bem adaptados à faixa etária e prontidão dos alunos. Sendo interessantes e desafiadores, propiciando oportunidades para que todos participem, podem desenvolver habilidades de comportamento, pois através deles é possível criar situações para que os participantes aprendam a trabalhar em equipe, desenvolvam a criatividade, bom humor, imaginação, e capacidade de adaptação a diferentes ambientes. Nesse sentido, “tais habilidades são muito importantes e caracterizam o homem competente para bem viver em sociedade”. (UNICEUB, 2013, p. 236).

O estudo deve ser compreendido em sua dimensão social. Para isso, é essencial uma didática que construa pontes entre o significado do conteúdo curricular e aquele compreendido pelo aluno. Para esta tarefa, é necessário que os professores tenham uma compreensão profunda acerca do conceito de planejamento o qual nasce a partir do estabelecimento de metas e de objetivos que a escola deseja alcançar. Esse é um momento importantíssimo para a construção de conhecimento sobre gestão e didática, articulação com a comunidade, constituição de uma equipe colaborativa e qualificação das ações.

Formar o professor na perspectiva da educação inclusiva implica em ressignificar o seu papel, o da escola, o da educação e os das práticas pedagógicas usuais do contexto excludente do nosso ensino, em todos os níveis de ensino. A formação do professor inclusivo, requer o redesenho das propostas de profissionalização existentes e uma formação continuada que também muda (MANTOAN, 2015, p. 81). De acordo com o Desenho Universal para a Aprendizagem –DUA (NUNES; MADUREIRA, 2015), as estratégias didáticas devem ser escolhidas conforme as demandas da turma atendida. Dessa forma, o professor deverá conhecer seus alunos e elaborar estratégias em que toda a turma possa ser contemplada.

3.1 Relato de experiência na sala de aula

Dando continuidade a discussão anterior, o intuito dessa seção é trazer relatos de experiências de práticas pedagógicas insurgentes que permitem, de algum modo, a inclusão de estudantes com TEA. Para a pesquisadora Joan Scott (1998), visibilizar as experiências, significa trazer a cena histórias de vida de sujeitos historicamente excluídos.

Nesse sentido, ainda segundo Scott:

Falar sobre as experiências dessa forma nos leva a tomar como visível a existência de indivíduos experiência é algo que as pessoas têm mais do que perguntar como conceitos de individualidade de sujeitos e como suas identidades são produzidas, (...). A experiência estabelece a existência anterior de indivíduos. (SCOTT, 1998, P.307).

Para a autora, é um ato político e verdadeiro trazer para o campo da ciência relatos da própria pessoa a respeito de questões que ela vivenciou. Nessa perspectiva, Jorge Larrosa Bondía, aponta que as experiências são como artefato do subjetivo e oferecem a colheita de informação na medida que provoca a desestabilidade dos/as envolvidos/as, tecendo assim, um cenário de formação entre os envolvidos. Nesse sentido:

(...) Pode ler-se outro componente fundamental da experiência: sua capacidade de formação e transformação. Experiência é aquilo que nos passa, ou nos toca, ou nos acontece e ao nos passar nos forma, nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação. (LARROSA, 2002. P. 25/26)

Se a experiência é que nos desloca, o que nos acontece como aponta Larrosa (2002). Pois bem! nas próximas linhas, visibilizo uma experiência a partir do acompanhamento de alguns alunos com transtorno do espectro autista, do 6º ano do ensino fundamental II de uma escola da Rede de Educação Básica do município de Salvador, BA. Através do dia a dia da sala de aula, foi possível observar e ser apoiadora e auxiliar desses alunos nas atividades curriculares da escola, tentando facilitar o entendimento e ajudar para que eles conseguissem se socializar com as outras crianças, tentando aproxima-las com calma e afetividade.

Nessa sintonia, a pesquisadora e professora bell hooks⁴, (2020) aponta que, a educação/aula igualitária e inclusiva carece ser um lugar marcado pelo sentimento de luta e resistências e afeto, na qual há uma consideração notável da adesão entre teoria e prática, é urgente um trabalho em diálogo com o educador e o educando. Paralelo a isso,

⁴ O nome de bell hooks está escrito em minúsculo, porque é um posicionamento político da própria autora.

nota-se que para uma “prática para liberdade”, lastreada num planejamento, é preciso um tensionamento no currículo, exigindo assim, um olhar atento frente a realidade sociocultural, geográfica dos estudantes dentro das escolas públicas. Nesse sentido, com ajuda de colegas comprometidos, conseguimos recursos de multifuncionais para a escola. No intento de contribuir com a política de inclusão.

Outra experiência pertinente, é quando possibilitamos os estudantes com TEA utilizar o aparelho celular, instrumentos que eles gostam muito, como metodologia estratégica de ensino e aprendizagem, por ser o mundo de diversão deles, usamos essa tecnologia no nosso favor. É importante dizer que trabalhar com esses alunos possibilitou um grande aprendizado para minha prática docente. Contudo, não basta nosso esforço na sala de aula. É importante dizer ainda, que todos esses estudantes necessitam de profissionais qualificados, de políticas públicas de inclusão para ofereça suportes para que os autistas se desenvolvam melhor. E sem perder de vista que a família tem um papel fundamental na luta por essa educação inclusiva.

Na educação escolar, a inserção das tecnologias com seus novos modos de aprender e ensinar, precisamos aprender arte de traduzir todo o conhecimento em ação, traduzida, pela capacidade de transformar o espaço escolar em um espaço escolar vivo de interações, proporcionando o desenvolvimento mais dinâmico aos estudantes autistas.

Tendo o prazer de educar e estimular de forma não só crítica, mas também lúdico as situações de produções de filmes, utilizando as ferramentas tecnológicas de forma construtivas, com a proposta da minha metodologia ser voltada para a formação de formar cidadãos, vivenciando processos participativos de compartilhamento de ensinar e aprender, consolidado aprendizagem com ações práticas, que mim tornar juntamente com nossos alunos, verdadeiros aprendizagem onde objetivo de ensinar entrega-se em todas as dimensões, emotivas, sociais e éticas.

Considerações finais

A partir da proposta central desse trabalho, o enlaço entre a família e a escola no contexto do autismo, observou-se que não é possível uma educação escolar sem família e nem família sem escola. Nesse sentido, a educação da criança portadora do autismo necessita de uma interação positivada entre essas duas instituições. Sendo, a base familiar o primeiro contato que a criança tem para desenvolver suas habilidades, visto que é com base na aceitação do transtorno que a escola pode contribuir também

positivamente com as atividades cognitivas do estudante.

Como foi possível observar, o TEA não é uma doença, mas um transtorno o qual compromete algumas habilidades da criança com autismo. Assim, existe muitas dúvidas em relação a causa, por isso ainda tem muito preconceito a ser vencido, por isso é importante que a família e a escola tenham uma relação participativa e não de exclusão. Dessa maneira, escola e família são instituições diferentes, no entanto compartilham de um mesmo objetivo quando o assunto é o TEA: ajudar na formação do estudante autista.

Por fim, é importante deixar claro, o quanto uma prática pedagógica é uma ferramenta essencial no crescimento cognitivo do aluno com TEA, porque é um instrumento educacional primordial para qualidade de vida de todas as crianças e de forma específica da criança autista. Logo, essa prática exige organização, atenção, e implicamento político na elaboração das atividades de maneira lúdica e transgressor.

REFERÊNCIAS

BHERING, E. **Percepções de pais e professores sobre o envolvimento dos pais na educação infantil e ensino fundamental.** *Contrapontos*, 3 (3), 483-510. 2003.

Brasil. (2008). **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília: MEC.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em 5 MAIO 2022.

CABRAL, Cristiane. MARIN, Angela. **Inclusão Escolar de Crianças com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão sistemática da Literatura.** *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n 33 2017.

CUNHA, E. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas.** 4 ed. Rio de Janeiro: Wak. Editora, 2017.

DEIMLING, N. N. M; , S, F. **Inclusão escolar: política, marcos históricos, avanços e desafios.** *Revista on linede Política e Gestão Educacional*, n. 12, p. 3-21, 2012.

Diagnóstico do Autismo. Disponível em: <https://neuroconecta.com.br/conheca-os-10-principais-sinais-de-autismo/>, acessado em outubro/2021.

EPSTEIN J. **Parents' reactions to teacher practices of parental involvement.** *The Elementary School Journal*, v. 86, p.277-94, 1986.

FILHO, Falcão. **Participação dos pais no processo educacional: desafio ou impossibilidade?** Revista Pedagógica, Belo Horizonte, v.7, n.42, p.8, 1989.

HERNÁNDEZ, A. M. S. **A relação escola e família na opinião de seus agentes.** Dissertação de mestrado não-publicada, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. (1995).

HOOKS, Bell. **Ensinando o pensamento crítico: sabedoria prática.** São Paulo. ed Elefante. 2020.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP). Micro dados do Censo Escolar 2018. Brasília, DF: MEC/INEP.

LARROSA, Jorge Bondía. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação, n.19, Jan/Fev/Mar/Abr 2002, p. 20-28.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática. Coleção Magistério – 2º Grau – Série Formação do Professor.** São Paulo: Cortez, 1994.

MANTOAN, M.T.E. **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Summuus, 2015.

MANTOAN, M.T.E. **Inclusão Escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MARQUES, R. **A escola e os pais, como colaborar?** Lisboa: Texto Editora. (1999).

SCOTT, Joan W. **A invisibilidade da experiência.** Tradução Lúcia Haddad. Prof. História, São Paulo, v. 16, p. 297-325, fev. 1998.